

01

O ANTROPOCENO E A CONSTRUÇÃO DE NOVOS MUNDOS¹

Marina Pereira Penteadó
Sonia Torres

Recebido em 18 nov 2023.

Aprovado em 22 mai 2023.

Marina Pereira Penteadó

Doutora em Estudos de Literatura, Estudos Literários, pela Universidade Federal Fluminense, 2018.

Professora da Universidade Federal do Rio Grande.

Líder do grupo de pesquisa “Para cuidar de novos mundos: ficção climática e a literatura do Antropoceno” (FURG) e integrante dos grupos de pesquisas “Distopia e Contemporaneidade” (UFF/CNPq) e “O mundo que (des) conhecemos: examinando as distopias pós-modernas nas literaturas anglófonas contemporâneas” (UFPEL/CNPq).

Lattes: <http://lattes.cnpq.br/1748010861441799>.

ORCID iD: <https://orcid.org/0000-0001-6325-548X>.

E-mail: marinapereira@furg.br.

Sonia Torres

Doutora em Letras, Ciência da Literatura/Literatura Comparada, pela Universidade Federal do Rio de Janeiro, 1998.

Professora da Universidade Federal Fluminense.

Pesquisadora com bolsa de pesquisa individual do CNPq, com a pesquisa “Sobrevivendo ao mundo em ruínas: resiliência e liberdade no Antropoceno”.

Lattes: <http://lattes.cnpq.br/6482038819446032>.

ORCID iD: <https://orcid.org/0000-0002-3114-9743>.

E-mail: sonia_torres@id.uff.br.

1 Título em língua estrangeira: “The anthropocene and the construction of new worlds”.

Resumo: Pensar o Antropoceno é apontar para a atual centralidade do medo do fim do mundo, que veio para tomar o lugar antes ocupado pelo messianismo no imaginário moderno. Mas de que mundo(s) estamos falando? O fato de nos referirmos à atividade humana como (de) formadora do mundo traz consigo significados ontológicos, epistemológicos e éticos subjacentes da maior importância, na medida em que levanta questões candentes a respeito da sobrevivência, da possibilidade de reforma política e dos futuros que podemos imaginar para a humanidade, no cenário das forças antropogênicas que vimos testemunhando. Diante desse quadro, propomos discutir alguns conceitos como distopia, memória, esgotamento e sustentabilidade, visando a levantar questões como o fim da separação entre natureza e cultura e do excepcionalismo humano, ou mesmo questionar as controvérsias que o uso da informação científica é capaz de gerar.

Palavras-chave: Antropoceno. Ecologia. Cosmopolítica. Ficção especulativa. Cli-fi.

Abstract: Thinking the Anthropocene sparks a variety of fears, mostly having to do with the end of the world – the zeitgeist that has come to substitute the messianism that pervaded the imaginary of what we call modernity. But what worlds(s) are we referring to? The fact that we refer to human activity as (de)forming the world is underpinned by ontological, epistemological, and ethic meanings, in that they bring up a series of pressing issues having to do with survival, with the possibility of political reform and the futures we are able to imagine for humanity, in view of the current anthropogenic scenario. In the face of these points, we propose to discuss concepts like dystopia, memory, depletion, and sustainability, in order to discuss questions such as the nature versus culture divide and

human exceptionalism, as well as the controversies detectable in scientific information.

Keywords: Anthropocene. Ecology. Cosmopolitics. Speculative fiction. Cli-fi.

“Let another century pass, and we may seem equally laughable. ‘Do you realise’, the phytolinguist will say to the aesthetic critic, ‘that they couldn’t even read Eggplant?’ And they will smile at our ignorance, as they pick up their rucksacks and hike on up to read the newly deciphered lyrics of the lichen on the north face of Pike’s Peak.

And with them, or after them, may there not come that even bolder adventurer – the first geolinguist, who, ignoring the delicate, transient lyrics of the lichen, will read beneath it the still less communicative, still more passive, wholly atemporal, cold, volcanic poetry of the rocks: each one a word spoken, how long ago, by the earth itself, in the immense solitude, the immenser community, of space”.

(LE GUIN, 1994)²

Tanto a utopia quanto a distopia, como produtos da modernidade, têm sido ancoradas num imaginário messiânico, de promessa de progresso político, socioeconômico e tecnocientífico – sendo que a distopia é o *zeitgeist* predominante do nosso tempo. Com a atual centralidade do medo do fim do mundo – e partindo do argumento de que toda distopia é crítica –, podemos observar uma visão de distopia que se distancia desse tropo de progresso humano: em lugar de apresentar uma crítica a nossa incompetência

² *The Author of the Acacia Seeds. And Other Extracts from the Journal of the Association of Therolinguistics.*

para construir ou organizar uma sociedade melhor, algumas narrativas distópicas sugerem que é a espécie humana que constitui impedimento para uma vida planetária harmoniosa.

Na observação de Claeys (2017), as distopias contemporâneas tendem a focar nas mais variadas faces do desastre, e mesmo da monstruosidade. De forma análoga, a ecodistopia – em contraposição à ecotopia³ – narra nossa trajetória rumo ao apocalíptico, de aniquilação da humanidade. É possível, ainda, o desdobramento para o pós-apocalíptico – uma escatologia apocalíptica de fim como revelação, ou mesmo redenção, que aponta para um mundo a ser reconstruído. O que pode ser interpretado como uma espécie de retorno ao messianismo; *mas também como uma sugestão, ou mesmo apelo a formas alternativas de nos organizarmos*. De toda forma, o cenário ou paisagem é de devastação. Ambas assinalam a devastação ambiental, de causas antropogênicas. Mas optamos por nos concentrar aqui no movimento que se distancia do pensamento milenário, para focar em obras que representam antropocenas que especulam sobre a salvação da natureza através do apagamento da centralidade do *homo sapiens*, e até mesmo, em casos extremos, seu desaparecimento (cf. JENDRYSIK, 2011, p. 35).

As reflexões, nas ecodistopias, se articulam com o conceito de Antropoceno, a época geológica marcada pelo impacto do ser humano sobre o planeta. Estamos vivendo a emergência climática e a possível extinção humana de espécies, ambas causadas pela ação de uma minoria dominante de humanos que mantém o

3 A ecotopia, ou utopia ecológica, descreve uma sociedade ideal, em que humanos vivem em harmonia com o mundo natural. A obra seminal do gênero é *Ecotopia: The Notebooks and Reports of William Weston*, de Ernest Callenbach, publicada em 1975. *Ecotopia* influenciou a contracultura dos anos 1970 e o movimento verde que ganha força na mesma década.

capitalismo ativo. Vale lembrar que, das cinco extinções em massa conhecidas na história da Terra, quatro foram ocasionadas por mudanças climáticas. A exceção foi o extermínio dos dinossauros há aproximadamente 65 milhões de anos, ocasionado por um meteoro. Alguns cientistas, como Novacek (2007), já sugerem classificar o momento atual como a sexta extinção em massa na história do planeta. Como argumenta Dipesh Chakrabarty (2008), a distinção entre o humano e a história natural, assim como as narrativas humanistas sobre modernidade e globalização, entram em colapso quando enxergamos o *antropos* como uma força geológica. A contaminação do solo, a poluição dos rios, dos oceanos e da atmosfera, a extinção de outras espécies e o aquecimento global podem ser consideradas como a distopia da modernidade malsucedida.

Esse preâmbulo é para assinalar a distopia ambiental, a ecodistopia, como crítica à equivalência entre progresso e devastação da natureza. Voltando às modernidades malsucedidas criticadas pela distopia: o problema com o conceito de moderno é seu atrelamento ao conceito de progresso – segundo Nancy Fraser (2017), um significante vazio, na medida em que o neoliberalismo progressista atual é baseado na ideia de que apenas o mundo ordenado pelo capital é considerado o *mundo real*.

A menção ao real nos remete a uma modalidade de ecodistopia que tem surgido bastante, que é o documentário ficcional, ou relato baseado em documentos ficcionais – lembramos aqui obras como *The Future is Wild* (2002), *The World Without Us* (2007) e *Aftermath: Population Zero* (2008). Situar a distopia no futuro ainda é, de longe, a forma mais corrente.

O documentário ficcional *The Future is Wild* divide-se em três momentos no Tempo e em doze ecossistemas diferentes. Os quatro primeiros se localizam a 5 milhões de anos de nosso presente; o segundo a 100 milhões de anos; e os quatro últimos a 200 milhões de anos de nosso tempo. Nesse documentário, os humanos não foram extintos, mas partiram. A fim de emprestar verossimilitude ao formato de documentário, a produção contou com o suporte de dezesseis cientistas, atuando em uma variedade de campos, incluindo paleontologia, botânica, biomecânica e climatologia. Já *The World Without Us*, escrito pelo jornalista estadunidense Alan Weisman, é um livro de não-ficção, na forma de um exercício de especulação sobre o que aconteceria à natureza e ao ambiente construído se os humanos desaparecessem do planeta de uma hora para a outra⁴. A narrativa detalha como cidades e construções deteriorariam, quanto tempo artefatos feitos por nós durariam e como as demais formas de vida evoluiriam. Weisman conclui que os bairros residenciais se tornariam florestas, em 500 anos, e que dejetos radioativos, estátuas de bronze e plástico permaneceriam como evidência duradoura de nossa presença na Terra – como exatamente uma memória planetária, uma camada geológica antropogênica.

O escritor e crítico indiano Amitav Ghosh faz menção a uma “futurologia suicida”, alertando para a urgência de se reorientar nosso imaginário globalizado e materializado para projetos compatíveis com os limites demográficos e ecológicos do planeta; do contrário, teremos “um planeta onde a presença humana existe somente na forma de restos arqueológicos a ser descoberta no

4 O documentário canadense *Aftermath, Population Zero* foi baseado em seu livro.

futuro por entidades ainda desconhecidas ou inexistentes”, como observou Mary Louise Pratt (2021, p. 12, tradução livre).

Seguindo esse fio de pensamento, destacaremos como tropos importantes para a articulação entre pensamento ecológico e distopia a precariedade, o esgotamento, a sustentabilidade e a memória.

Num ensaio recente sobre a precariedade e o Antropoceno, Lucas Murari (2021) traz sua discussão do gênero *mockumentary* [documentário paródico] para o contexto da América Latina, argumentando que obras como *Recife Frio*, do cineasta Kleber Mendonça Filho, se constituem como legítimas ecodistopias brasileiras, na medida em que ultrapassam as considerações sobre a mudança de temperatura e explicitam a precariedade que marca a vida nas metrópoles latino-americanas: “O espaço urbano caótico, piorado por uma especulação imobiliária fora de controle abria espaço para a desumanização das cidades” (MURARI, 2021, p. 87). O documentário ficcional apresenta inúmeros problemas decorrentes da mudança climática sendo representada: o empobrecimento social, a desertificação das ruas e a população cada vez mais confinada em lugares fechados; a perda de atividades profissionais e de tradições culturais; a paisagem urbana cada vez mais inóspita e permeada por “linhas e ângulos retos, estéreis, repetitivas” (MURARI, 2021, p. 87). Citando o filósofo Ian Angus, Murari (2021, p. 88) ressalta que “o apartheid ambiental é a norma no Antropoceno”.

A precariedade explicitada no *mockumentary* está em diálogo com outro dos tropos que desejamos destacar, o do esgotamento. Mariana Simoni (2021) observa que a palavra esgotamento costuma nos levar a projetos literários vanguardistas – nos remetendo mais

especificamente a John Barth, que usava o termo para marcar a crítica à produção intelectual da década de 1960 nos Estados Unidos –, designando um “suposto desgaste da linguagem, bem como certo descrédito com relação à estética pós-modernista” (SIMONI, 2021, p. 70), relação que também indica que o vocabulário da escassez está diretamente vinculado à ideia de crise e de fim. Essa relação que ela faz, em um texto que discute o Antropoceno e o conceito de esgotamento, nos parece bastante interessante, pois esse esgotamento da linguagem que Simoni retoma surge em obras distópicas que tratam da destruição ambiental, como *A estrada*, de Cormac McCarthy – no qual é explicitada a dificuldade de narrar naquele mundo devastado –, mas também aparece, de forma um pouco diferente, em romances de caráter distópico mais recentes, que fogem do pensamento milenário e representam o que chamamos de antro-p-cenas, ou lugares de especulação sobre o futuro da Terra em que a ênfase não é mais no *antropos*.

Nesse sentido, Jeff VanderMeer é um autor instigante para pensarmos tanto no descentramento do *antropos* nas narrativas distópicas recentes, como na própria questão da linguagem. Seu romance de 2017, *Borne*, abrange ambos os tópicos. No entanto, um de seus romances anteriores, chamado *Aniquilação* (2014), vale a pena ser mencionado primeiro, por apresentar algumas questões importantes para a discussão que *Borne* vai suscitar a seguir. Em *Aniquilação*, que é parte da Trilogia da área X, temos a história de uma expedição que parte para uma zona costeira inabitada que foi fechada para o público há décadas, e sobre a qual pouco se sabe. O mais relevante para nossa discussão sobre esgotamento, contudo, é justamente o grupo escolhido para ir na décima segunda expedição

– ou melhor, a única das pesquisadoras que não vai: a linguista. A narração da história, assim, fica a cargo da bióloga da expedição que, como suas colegas (antropóloga, topógrafa e psicóloga), não possui nome e é tratada por sua profissão.

A falta da linguista, no romance, pode ser lida como um marcador da exaustão, da incapacidade de narrar a experiência que, por sua vez, acaba sendo contada pela única personagem que parece apta a colocar em palavras as peculiaridades daquele ecossistema que não apenas tem uma vida própria como também é diferente de tudo que a narradora já havia visto antes. Com a escolha de uma narradora com poucas habilidades sociais e mais integrada ao meio ambiente, às plantas, organismos e animais – e também com a escolha do objeto narrado, o ecossistema da área X –, *Aniquilação* oblitera a centralidade do *antropos*. E essa questão será levada adiante em *Borne*, publicado depois da trilogia citada, em que temos personagens humanos e não humanos convivendo como iguais e no qual a discussão sobre esgotamento e linguagem parece tomar um rumo diferente, dando espaço para iniciar a reflexão sobre o tropo da sustentabilidade.

A partir da história de uma criatura de biotecnologia desenvolvida por uma companhia que, de acordo com a narrativa, parece ser uma das grandes responsáveis pela devastação do lugar onde essa distopia se desenrola, o romance fala do esgotamento causado pelo progresso e pelo excepcionalismo – que são encarnados na figura dessa companhia – e nas possibilidades de se sustentar um futuro diferente. Para tanto, um elenco de personagens humanos e não humanos nos é apresentado; e a narradora ensina à criatura que dá nome ao romance, Borne (e, posteriormente, a outra criança de quem ela vai cuidar, chamada

Teems), apenas o que é “útil, esperançoso” (VANDERMEER, 2017, p. 321) – e dentro do que ela caracteriza como útil e esperançoso se encontra a linguagem.

A partir dos ensinamentos dessa narradora, Teems, no final do romance, escreve um besteiário descrevendo plantas, animais e organismos que se encontram naquele universo ficcional, como um projeto inicial para reverter a devastação daquele lugar. Segundo ele, sua mãe adotiva havia dito diversas vezes que “para reivindicar nosso mundo precisamos conhecê-lo melhor”, acrescentando que, justamente para isso, ela lhe havia dado uma educação (VANDERMEER, 2017, p. 327). O final de *Borne* não apenas indica alguém capaz de narrar aquele mundo novo – discussão que já havia surgido em *Aniquilação* – mas sugere o ressurgimento da potência da linguagem através de práticas de cuidado e afeto que visam a construir mundos diferentes do lugar distópico onde aqueles personagens se encontram; onde é possível pensar, sentir e cuidar de outros mundos.

O romance, assim, indica que o ressurgimento da potência narrativa também pode nos ajudar a contar outras histórias, que não sejam mais somente de escassez, ecoando, de certa forma, o que Isabelle Stengers defende em “Gaia, the Urgency to Think and Feel”:

[...] nós precisamos aprender a contar outras histórias, histórias que não sejam apocalípticas nem messiânicas, mas que, ao invés disso, envolvam o que Donna Haraway chama de ‘responsabilidade’: a aceitação de que o que acrescentamos faz uma diferença no mundo e se tornando capaz de responder a essa diferença, pela maneira como nós, ao fazer isso, escolhemos algumas formas de viver e morrer e não outras. (STENGERS, 2014, p. 7-8, tradução livre)

Narrativas como as citadas de Jeff VanderMeer parecem fazer isso não apenas ao evidenciarem a incapacidade humana de construir futuros que nos levem a outros lugares além da destruição e do esgotamento, caso as noções de progresso e excepcionalismo humano não sejam repensadas, mas focam em outros mundos possíveis através de práticas menos centradas no *antropos*. Da mesma maneira, uma gama de outras ficções especulativas que lidam com questões climáticas e ambientais também tem chamado atenção ao sugerirem uma mudança de paradigma na forma de contar histórias, que derruba a oposição humano x natureza e desconstrói o messianismo do humano como “salvador” da natureza, ou como espécie que existe fora da natureza.

Como Mariana Simoni (2021) ainda indica em seu estudo, a incorporação de outras cosmologias, como as ameríndias, “que não se baseiam na separação entre o ser humano e a natureza (VIVEIROS DE CASTRO, 2009), tem servido de base para repensar a própria experiência literária” (SIMONI, 2021, p. 74), algo que ela vai chamar de “virada não-antropocêntrica”. E, para além da visibilidade que pensadores como Ailton Krenak e Davi Kopenawa ganharam nos últimos anos nos estudos literários, as narrativas distópicas de escritores indígenas também têm ganhado espaço e contribuído para a discussão sobre a necessidade de pensarmos outros mundos possíveis.

Em uma matéria do *New York Times* de abril de 2020, Alexandra Alter observa que os autores Nativos Americanos (*Native Americans*) e das Primeiras Nações (*First Nations*) estão dando outra forma para a ficção científica. No artigo, ela cita algumas obras que são consideradas ficções climáticas (*climate change fiction/cli-fi*), dentre

as quais a distopia *The Marrow Thieves* (2017), da *métis* Cherrie Dimaline. A história se passa em um futuro no qual as pessoas perderam a habilidade de sonhar, o que desencadeia resultados catastróficos. Naquele mundo distópico, os indígenas são os únicos que ainda possuem tal habilidade e, assim, acabam sendo caçados para que o líquido de suas medulas sirva de base para a criação de um soro para tratar os outros – brancos – que são acometidos pela doença da falta de sonho⁵. Agora, escolas não são mais criadas para retirar a linguagem dos indígenas, mas são criadas para tirar-lhes a medula. Através de uma crítica à violência colonial, o romance explora as relações entre desconhecidos que se transformam em famílias, o ato de contar histórias e a esperança, introduzindo outras formas de pensar baseadas nas cosmologias ameríndias para o público leitor. Como a própria autora diz para a matéria citada do *New York Times*, atualmente, “existe um incentivo para as histórias indígenas serem contadas” (ALTER, 2020, s.p, tradução livre) e, pensando em termos de ecodistopias, o motivo é evidente e surge com uma afirmação de outra escritora indígena para a matéria, Rebecca Roanhorse, que diz: “nós já sobrevivemos a um apocalipse” (ALTER, 2020, s.p, tradução livre).

Declarações como a de Roanhorse têm feito críticos literários, principalmente os interessados nas discussões sobre distopias, voltarem o olhar para essas narrativas, embora tardiamente. Como

5 Remetemos ao leitor interessado na relação entre distopia, ecologia e pós-colonialidade ao romance *The Rag Doll Plagues*, de Alejandro Morales, com tropo análogo: nele, é fabricado um soro com o sangue de mexicanos para salvar os “anglos” estadunidenses de uma pandemia. Ver também os artigos “O antropoceno e a antropo-cena pós-humana: narrativas de catástrofe e contaminação” (TORRES, 2017) e “Do contágio ao isolamento: o futuro distópico insistente em *The Rag Doll Plagues* e *Sleep Dealer*” (PEREIRA PENTEADO, 2015).

Eduardo Viveiros de Castro e Déborah Danowski notam, Bruno Latour já falava em um “retorno progressivo às cosmologias antigas e às suas inquietudes, as quais percebemos, subitamente, não serem assim tão infundadas” (VIVEIROS DE CASTRO; DANOWSKI 2014, p. 101). Sem sombra de dúvida, o recente interesse nas distopias tem, crescentemente, incluído em seu cânone narrativas de povos ameríndios – que, mesmo quando apocalípticas, nos fazem despertar para nossa capacidade de sonhar, de construir mundos possíveis. No momento em que a crise ecológica parece ameaçar a todos – evidentemente que não de maneira igual, mas ainda assim exigindo que todos tenham que se adaptar para tentar sobreviver –, olhar para o que os povos indígenas têm a ensinar tem se tornado uma prática mais constante, como a matéria do *New York Times* indica e como pesquisadoras como Mariana Simoni notam também, ao falar de uma “virada não-antropocêntrica”.

A necessidade de Davi Kopenawa denunciar “não apenas as ameaças que sofrem os Yanomami”, mas os perigos que rondam o “futuro do mundo humano e não humano” (KOPENAWA; ALBERT, 2020, p. 51) e a forma de ver os outros seres – ou como Ailton Krenak (2020, p. 42) observa, o fato de “os outros seres são[erem] junto conosco” – são apenas algumas das reflexões e cosmovisões que parecem ecoar em ecodistopias mais recentes, como a de Dimaline que, embora submersa em um mundo distópico, ainda indica possibilidades de criar outras formas de viver pautadas em contar histórias e nas práticas de cuidado e de afeto. Pensar em termos de fim do mundo já não é mais útil nesse momento, até mesmo porque, como Krenak nota, se os humanos desaparecerem, “o resto da Terra vai continuar existindo” (KRENAK, 2020, p. 36)

e uma parte da crítica do Antropoceno parece se deter também nesse saber. Donna Haraway, por exemplo, através do seu slogan “permanecer com o problema” [*staying with the trouble*] é uma das filósofas que prefere pensar em termos de continuidade e não em termos de fim – além de explorar o potencial especulativo da literatura (e mais especificamente da ficção especulativa) para a criação de novos mundos.

Diversas ecodistopias recentes, como as citadas aqui, têm nos mostrado a urgência de abandonarmos o antropocentrismo e focarmos em formar alianças – humanas e não humanas, evidenciando a “virada não-antropocêntrica” à qual Simoni se refere. Nenhuma espécie atua sozinha, como Haraway nota. A Terra hoje “está cheia de refugiados – humanos ou não – sem refúgios” (HARAWAY, 2016, p.100, tradução livre) e, com isso em mente, Haraway (2016, p. 101, tradução livre) insiste na necessidade de pensarmos em um nome para “as dinâmicas de força sim-ctônicas em curso, das quais as pessoas são uma parte, dentro das quais esse processo está em jogo”, pois, talvez – e ela marca que é apenas um talvez e não uma certeza –, através de um compromisso intenso e da colaboração, seja possível criar essa continuidade. Assim, ela nomeia o que estamos passando de Chthuluceno, uma palavra que engloba presente, passado e futuro, e que também retira a centralidade do humano que o termo Antropoceno carrega. Um movimento necessário para quem, como ela, afirma que “importam quais histórias contam histórias, importam quais conceitos pensam conceitos” (HARAWAY, 2016, p. 101, tradução livre). E a necessidade de dar a devida importância para essas esferas nos leva ao nosso último tropo – o da memória.

Voltando à ecodistopia “documental”, há uma vertente que lança mão de um artifício mediador, através da introdução de um arconte⁶ historiador ou cientista cuja narrativa relembra nosso momento presente pela perspectiva futura – em geral distópica, frequentemente pós-humana e marcada por mudanças climáticas intensas.

Digno de nota nesse gênero de memória antecipatória é que o deslizamento para o terreno da especulação vem frequentemente atrelado ao deslizamento entre os campos de estudos. É o caso da obra de Naomi Oreskes e Erik Conway (2014), *The Collapse of Western Civilization*, uma ficção configurada como um ensaio escrito por um historiador vivendo na China, no ano 2393. Sua missão como arconte é passar em revista três séculos de arquivos do conhecimento Ocidental, com vistas a entender o porquê de nossa civilização não ter reagido às mudanças climáticas a tempo, escolhendo ignorar as evidências; e o porquê das tentativas de comunicação, por parte da comunidade científica, terem fracassado de forma tão retumbante. O historiador do futuro narra o declínio e a queda do Ocidente – que culmina ao final do Período da Penumbra (1988-2093) –, recordando séculos de tormentos, como enchentes, secas, pandemias, levantes e tumultos, migração massiva e o fim da humanidade em dois continentes (África e Austrália). Os arquivos desse guardião da memória contam, ainda, com mapas dos Países Baixos, Bangladesh, Nova York e Flórida, demonstrando como, no ano 2300, essas regiões foram submersas, com a subida do nível do

6 Referimo-nos, evidentemente, ao arconte derridiano, o guardião a quem o arquivo é consignado. Em *Mal de arquivo*, Derrida (2001, p. 35), ao discutir a lógica e a semântica do arquivo, percebe-o como uma infinidade de camadas superpostas – nos remetendo, no contexto do arquivo do Antropoceno, às várias camadas geológicas da Terra.

mar. Mas, talvez, o mais interessante seja como ele busca uma explicação para essa tragédia humana e termina por atribuí-la à segunda Era das Trevas, que se abate sobre a civilização ocidental, na forma de ignorância e negacionismo. O glossário de termos arcaicos, anexado ao final de sua narrativa, descreve o Período da Penumbra da seguinte forma:

A sombra do anti-intelectualismo que recaiu sobre as nações outrora iluminadas e tecnocientíficas do mundo ocidental, durante a segunda metade do século vinte, as impediu de agir baseadas no conhecimento científico disponível à época, condenando seus sucessores à inundação e desertificação dos séculos 21 e 22. (ORESQUES; CONWAY, 2014, p. 59-60, tradução livre)

Cabe lembrar que o ano de 1988, citado pelo arconte do futuro como marcando o início do Período Penumbral, coincide com o ano da criação do Intergovernmental Panel on Climate Change (IPCC), no âmbito da Organização das Nações Unidas. O objetivo do IPCC, que hoje conta com 195 países inscritos e reúne inúmeros pesquisadores da comunidade científica internacional, é produzir conhecimento científico sobre o aquecimento global e elaborar avaliações e estratégias para enfrentar os impactos da mudança climática. O IPCC gozou de pouca visibilidade, até 2007, quando foi publicado seu Quarto Relatório de Avaliação (AR4), que, ao chamar a atenção para a gravidade da mudança climática, causou grande impacto na comunidade global. Organizações auto-intituladas “céticos do clima” (também conhecidos como negacionistas) não tardaram a se manifestar, e o negacionismo passou a ter projeção crescente.

Ironicamente, a julgar pelo arconte futuroológico da narrativa de Oreskes e Conway, na modernidade tardia a hegemonia do discurso científico cai por terra, dando lugar a discursos anti-científicos e fundamentalistas e à neoliberalização da natureza, baseada na noção ultrapassada de *cheap nature* (MOORE, 2022) no passado, quando se lançava mão dos recursos naturais como se não houvesse amanhã.

Pensemos no desabamento do céu e na correlação entre o aviso que nos chega, através do arconte do futuro, o chinês na obra de Oreskes e Conway, e a “presciência” nas mitologias ameríndias, que assumem uma inquietante concretude ecológica. É impossível ignorar o paralelismo entre sua narrativa e a do historiador chinês – ambos não-ocidentais, arcontes (lembrando aqui que o xamã é um arconte ameríndio), narrando o fim da civilização ocidental. A regra, nas memórias ameríndias dos fins, são os apocalipses periódicos, ou cíclicos. Mas, quando os apocalipses se cruzam, na narrativa de Kopenawa e de outros arcontes, com informações sobre a catástrofe climática em curso – a dessincronização dos ritmos sazonais e dos ciclos hidrológicos, a destruição violenta de biomas, pelos programas de “aceleração do crescimento” promovidos por nações reféns do capitalismo global –, nos damos conta de que, quer a memória planetária do futuro seja representada como de extinção iminente de nossa espécie, quer como de resiliência, adaptação e sustentabilidade, nas ecodistopias podemos entender o arconte como tendo o papel de nos preparar para nos reconciliarmos com nossa finitude como espécie biológica; ou de guardar a vida humana, inculcando a consciência da importância da atuação e da responsabilidade no humano do presente – uma ética para o

futuro, por assim dizer. A ficção especulativa e o documentário ficcionalizado, através da representação de situações limite como catástrofes naturais, epidemias, mutações genéticas etc., nos convida a imaginar o momento de risco quando a “antecipação da catástrofe” (BECK, 2007, p. 7) se transforma em perigo e catástrofe de fato – o que é geralmente representado de forma (pós)apocalíptica. Nesse sentido, trata-se de gêneros, ou modos de narrar, que nos ajudam a experimentar, através da imaginação, a força geopolítica que é o humano, projetado como memória futura – ao mesmo tempo em que nos auxiliam a pensar em formas alternativas de organização, que se distanciam da ideia de progresso humano e da centralidade no *antropos*.

REFERÊNCIAS

- AFTERMATH: Population Zero [docufiction]. Produção: Cream Productions. Canadá: National Geographic, 2008. [aka *Aftermath: The World After Humans*].
- ALTER, Alexandra. “We’ve Already Survived an Apocalypse”: Indigenous Writes Are Changing Sci-Fi. *The New York Times*, 14, Aug., 2020. Available at: <https://www.nytimes.com/2020/08/14/books/indigenous-native-american-sci-fi-horror.html>. Accessed on: 2 June, 2021.
- BECK, Ulrich. *World at Risk*. Cambridge: Polity Press, 2007.
- CHAKRABARTY, Dipesh. The Climate of History: Four theses. *Critical Inquiry*, v. 35, p. 197-222, 2008.
- CLAEYS, Gregory. *Dystopia – a natural history: A study of modern despotism, its antecedents, and its literary diffractions*. New York: Oxford University Press, 2017.
- DANOWSKI, Déborah; VIVEIROS DE CASTRO, Eduardo. *Há mundos por vir?* Ensaio sobre os medos e os fins. Florianópolis: Desterro, 2014.
- FRASER, Nancy. Against progressive neoliberalism, a new progressive populism. *Southern Social Movements Newswire*. 21, Sept., 2017. Available at: <https://www.cetri.be/Against-Progressive-Neoliberalism?lang=fr>. Accessed on: 21 Oct. 2021.

- HARAWAY, Donna. *Staying with the Trouble: Making kin in the Chthulucene*. Durham: Duke UP, 2016.
- JENDRYSIK, Mark. Back to the garden: new visions of posthuman futures. *Utopian Studies*, Lanham, n. 1, v. 22, p. 34-51, 2011.
- KOPENAWA, Davi; ALBERT, Bruce. *A queda do céu: palavras de um xamã yanomami*. Tradução de Beatriz Perrone-Moisés. Prefácio de Eduardo Viveiros de Castro. São Paulo: Companhia das Letras, 2010.
- KRENAK, Ailton. *A vida não é útil*. São Paulo: Companhia das Letras, 2020.
- LE GUIN, Ursula. The Author of the Acacia Seeds. And Other Extracts from the Journal of the Association of Therolinguistics. In: HARTWELL, D.; CRAMER, K. *The Ascent of Wonder: the Evolution of Hard SF*. New York: Tor Book, 1994.
- MOORE, Jason W. (Org.). *Antropoceno ou Capitaloceno? Natureza, história e a crise do capitalismo*. São Paulo: Elefante, 2022.
- MURARI, Lucas. A crise ecológica não é um filme de ficção científica. [verbete Precariedade e Antropoceno]. In: TORRES, S.; PEREIRA PENTEADO, M. *Literatura e arte no Antropoceno: conceitos e representações*. Rio de Janeiro: Edições Makunaima, p. 81-93, 2021.
- NOVACEK, Michael. *Terra: Our 100-Million-Year-Old Ecosystem – and the Threats that Now Put it at Risk*. New York: Farrar, StrausandGiroux, 2007.
- ORESQUES, Naomi; CONWAY, Erik M. *The Collapse of Western Civilization*. Columbia University Press, 2014.
- PÁGINA 12. *Después de “Ojos imperiales” llegan las “Imaginaciones planetarias” de Mary Louise Pratt*. 23 Oct., 2021. Disponible en: <https://www.pagina12.com.ar/374607-despues-de-ojos-imperiales-llegan-las-imaginaciones-planetar>. Acceso en: 03 mar. 2022.
- PEREIRA PENTEADO, Marina. Do contágio ao isolamento: o futuro distópico insistente em *The Rag Doll Plagues* e *Sleep Dealer*. *Línguas Letras*, n. 33, v. 16, 2015. Disponível em: <https://e-revista.unioeste.br/index.php/linguaseletras/article/view/12506>. Acesso em: 7 mar. 2022.
- SIMONI, Mariana. Observações em iminência. [verbete Esgotamento e Antropoceno]. In: TORRES, S.; PEREIRA PENTEADO, M. (Orgs). *Literatura e arte no Antropoceno: conceitos e representações*. Rio de Janeiro: Edições Makunaima, p. 68-80, 2021.

STENGERS, Isabelle. Gaia, the Urgency to Think (and Feel). In: *Colóquio Internacional Os Mil Nomes de Gaia: Do Antropoceno à Idade da Terra*. Rio de Janeiro: Anais eletrônicos, 2014. Disponível em: <https://osmilnomesdegaia.files.wordpress.com/2014/11/isabelle-stengers.pdf>. Acesso em: 20 jun. 2021.

THE FUTURE IS WILD [docufiction]. Direção de Pierre de Lespinois. Produção de Joanna Adams. US: Animal Planet, 2002.

TORRES, Sonia. O antropoceno e a antro-po-cena pós-humana: narrativas de catástrofe e contaminação. *Ilha do Desterro*, n. 2, v. 70, p. 93-105, 2017. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/desterro/article/view/2175-8026.2017v70n2p93>. Acesso em: 7 mar. 2022.

VANDERMEER, Jeff. *Borne*. New York: MCD Farrar, Straus and Giroux, 2017.

WEISMAN, Alan. *The World Without Us*. London: Picador, 2007.